



Sobre o conceito de imanência em Hjelmslev

Paula Martins de Souza* **

Resumo: Algumas questões que se colocam como problemas intrincados para as ciências podem advir de uma espécie de permanência em uma crença. A linguística combateu esse tipo de crença da gramática tradicional e a chamou de norma. Assim como a lei, a norma não possui fundamento lógico, e consiste na imposição de uma verdade. Para a ciência, ao contrário, não existem verdades irrefutáveis. Um problema que se coloca recorrentemente às ciências da significação é aquele que concerne ao conceito de imanência e, talvez, seja razoável pensar que tal problema permanece pelo motivo de se acreditar que a imanência é um conceito fechado em si e já resolvido. Em outras palavras, uma vez que o conceito de imanência é fundamental em nossas investigações, cumpre saber em que ele consiste, para que seja possível descobrir a origem das dúvidas que ele gera. Nesta investigação, buscamos propor uma distinção entre duas acepções do conceito de imanência, que já se encontram na obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de Louis Hjelmslev, bem como buscamos verificar se essa distinção afeta de algum modo a teoria semiótica da Escola de Paris. A reflexão que se segue é parcial e não tem qualquer pretensão de ser exaustiva.

Palavras-chave: Louis Hjelmslev, imanência, epistemologia, *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*

Introdução

O conceito de imanência¹ na teoria de Louis Hjelmslev, como sabemos, é muito caro à semiótica da Escola de Paris, mas a não observância desse conceito pode levar a problemas de análise ou, na melhor das hipóteses, a radicalismos desnecessários que podem reduzir o campo de investigação da semiótica. Em face a tal problema, muito vasto, permitimo-nos elaborar uma primeira questão: a imanência em Hjelmslev é mantida, tal e qual, no construto teórico da semiótica de Algirdas Julien Greimas? Uma observação um pouco mais atenta à obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (Hjelmslev, 2006) leva a crer que, de um lado, não é e que não poderia ser. Mas que a imanência da semiótica de Greimas, por outro lado, já fazia parte da obra de Hjelmslev: bem entendido, parece haver, já nos *Prolegômenos*, dois conceitos de imanência, embora somente um seja explicitado: aquele que se opõe à transcendência na teoria da linguagem.

Com o fito de demonstrar o que nos levou a tal conclusão, no primeiro item de nossa exposição, articula-

mos o conceito de imanência que se opõe à transcendência em Hjelmslev, conforme a obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (Hjelmslev, 2006) e três artigos afins, a saber, *Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica* (Beividas, 2008), *Le style épistémologique de Louis Hjelmslev* (Almeida, 1998) e *A noção de texto em Hjelmslev* (Badir, 2005). Nesse passo pretendemos demonstrar em que consiste o conceito de imanência que se opõe à transcendência e como ele se constitui, dadas as especificidades da epistemologia da teoria da linguagem.

O segundo conceito de imanência, em Hjelmslev e em Greimas, pode ser apreendido por sua definição dada pelo *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008), assim como o primeiro conceito. Para verificar tal definição, guardamos a seção 1.1 deste artigo.

Ainda um segundo item será necessário. Nele, cotejaremos as duas ideias de imanência e no qual, como que à guisa de conclusão, retomaremos os possíveis problemas que podem derivar da não dissociação entre os dois conteúdos subjacentes à mesma expressão “imanência”.

* Agradeço profundamente ao meu orientador, Waldir Beividas, pelos esclarecimentos que me forneceu para a feitura deste trabalho. Não obstante, todas as declarações aqui contidas são de minha exclusiva responsabilidade.

** Universidade de São Paulo (usp). Endereço para correspondência: (paulamartins@usp.br).

¹ Note-se que nos valem do termo *conceito de imanência* em lugar de *princípio de imanência*, uma vez que ao longo de toda a obra *Prolegômenos* não há qualquer referência a um *princípio de imanência*, sobretudo porque, conforme ele mesmo aponta, tal conceito implica em uma “[...] limitação necessária, mas apenas nas provisórias, [do objeto da teoria]” (Hjelmslev, 2006, p. 23).

1. Sobre a imanência em Hjelmslev

O conceito de imanência tem a sina de sempre aparecer como pomo de discórdia entre a teoria semiótica e outras teorias textuais, teorias do discurso, sociolinguísticas que a acusam basicamente de ser cega aos dados chamados “exteriores” ao texto, ao discurso.
Waldir Bevidas

A leitura cuidadosa da obra de Hjelmslev se faz necessária principalmente por duas razões: uma intrínseca e outra extrínseca à sua teoria. A primeira, como lembra Almeida (1998, p. 1), reporta-se ao fato de a teoria da linguagem ser “sem dúvida alguma, revolucionária no que se refere à epistemologia pura” [tradução nossa]. A segunda razão advém da retórica utilizada por Hjelmslev quando da feitura de sua obra, dado o clima científico em que estava inserido, conforme explica Badir ao atribuir causalidade, enquanto historiador e epistemólogo da semiótica, ao fato de Hjelmslev, muitas vezes, colocar-se como o continuador de Saussure em lugar de explicitar as mudanças profundas que sua teoria gera. Assim, devemos observar a epistemologia que rege a teoria da linguagem em seu funcionamento interno, enquanto epistemologia pura, ao mesmo tempo em que cuidamos de entender a envergadura da ruptura que essa epistemologia revolucionária implica, sem nos deixar iludir pela retórica de continuidade do mestre dinamarquês, e não de revolução científica:

[...] há um “desespero” hjelmsleviano, análogo àquele que impediu Saussure de publicar, que consiste na impossibilidade de conciliar as micro-análises da glossemática com os grandes preceitos epistemológicos que, entretanto, essas análises requerem, mesmo que seja à sua revelia (Badir, 2005, p. 2).

Segundo Almeida (1998, p. 5), uma questão que se coloca a Hjelmslev na construção de uma epistemologia tão particular é a da imanência. Ele argumenta que segundo Hjelmslev não há linguagem formal, pois a forma não se lê, mas é, a forma mesma, um modo de ler, que vai ao encontro do que Hjelmslev chama de álgebra imanente de um inventário dado, de modo que, a partir dessa posição epistemológica, pode-se considerar o sentido de dois modos:

O sentido pode ser considerado como imanente à linguística, bem como exterior a ela. No interior da linguística, o sentido é uma grandeza indefinível que permite a existência de elementos distintos e de elementos traduzíveis entre as línguas. Enquanto tal, o sentido

emerge mais enquanto ponto de fuga do que enquanto objeto, e ele muda de forma em cada atualização semiótica (Almeida, 1998, p. 5) [tradução nossa].

Quanto à concepção extrínseca do sentido, esta estaria relegada, do ponto de vista referencial, à física; do ponto de vista conceptual, à antropologia, de modo que, se as demais disciplinas científicas podem e devem analisar o sentido linguístico sem considerar a forma linguística, a linguística pode e deve analisar a forma linguística sem se ocupar do sentido que emerge de seus dois planos, o plano do conteúdo e o plano da expressão (Almeida, 1998, p. 6):

O caráter revolucionário dessa concepção da teoria da linguagem salta aos olhos. Enquanto modo de exhibir uma forma, a teoria da linguagem não pode ser senão um sistema em si mesmo, linearmente. [...] Ela não pode, pois, justificar-se senão por si mesma (Almeida, 1998, p. 5) [tradução nossa].

Cabe aqui um comentário: nota-se que, em seu artigo, Almeida defende a exclusividade da análise linguística em detrimento da análise semiótica em Hjelmslev. Tal tomada de perspectiva fica patente no excerto que segue: “[...] pareceria injustificável qualificar a semiótica greimasiana de neo-hjelmsleviana, pois a opção de Hjelmslev, no que concerne ao formalismo, se aloca precisamente no pólo oposto” (Almeida, 1998, p. 3) [tradução nossa].

O ponto de que tratamos a respeito do artigo de Almeida parece ser um exemplo do que chamamos de radicalismo quanto ao conceito de imanência em Hjelmslev na introdução deste artigo, muito embora, dentro da noção do princípio de imanência hjelmsleviano mesmo, seja justificável. Isso ocorre porque, parece-nos, há, no mínimo, dois conceitos de imanência concorrentes na obra de Hjelmslev: um é este defendido por Almeida, que é patente na obra mais lida de Hjelmslev (2006), os *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. O outro conceito de imanência também está na mesma obra, embora menos explícito, talvez pelo motivo que Badir chamou de “o desespero de Hjelmslev”. As duas subseções que seguem são destinadas a tratar de cada um desses conceitos.

1.1. Sobre o conceito de imanência oposto ao de transcendência

As questões que neste passo serão abordadas devem ser de conhecimento da comunidade linguística, pois aqui tratamos da ideia de imanência mais patente, aquela que se opõe à transcendência. Se trazemos as especificidades desse conceito aqui, é para facilitar o cotejo entre as duas noções que apresentaremos.

Em relação ao primeiro grupo, os dados referem-se a redações de crianças do Essa imanência primeira

é muito bem definida no *Dicionário de semiótica*, no verbete *Imanência*, alocada sob a acepção de número um:

A autonomia da linguística — justificável pela especificidade de seu objeto, afirmada com insistência por Saussure — foi retomada por Hjelmslev sob a forma do **princípio de imanência**: sendo a forma (ou a língua no sentido saussuriano) o objeto da linguística, qualquer recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição (Greimas & Courtés, 2008).

Podemos notar no excerto supracitado que os autores do dicionário veem com clareza que aquilo que chamam de *princípio de imanência* defendido por Hjelmslev versa sobre a linguística, nada declarando a respeito do construto semiótico. O conceito de imanência, pois, assegura a autonomia da linguística e respalda o construto epistemológico de Hjelmslev, que, dada a especificidade de seu objeto científico, esbarrou em sérios problemas, como o mesmo autor explica na obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, mais especificamente no capítulo quinto, intitulado “Teoria da linguagem e realidade” (Hjelmslev, 2006, p. 15). Ali, Hjelmslev explica que um dos parâmetros que regem sua teoria é o empirismo, e que as ciências que se querem empíricas, em geral, são regidas pela indução, cujo papel é o de sintetizar e generalizar os dados observados, mas a teoria da linguagem, embora empírica, é dedutiva, já que seu papel é o de analisar e de especificar.

As ciências empírico-indutivas entendem *teoria* como um grupo de hipóteses que, após serem confrontadas com os objetos empíricos, são ou não comprovadas, de modo que, nesse tipo de ciência, é o objeto que determina a teoria. Nessas ciências, o alto grau de generalização da teoria permite que se façam previsões, mas não permite dizer nada a respeito da especificidade do objeto.

A teoria da linguagem, pois, Hjelmslev chamará empírico-dedutiva, já que procede por meio de um método analítico que parte da classe e segue em direção aos seus componentes; nessa orientação, dando a conhecer as especificidades do objeto analisado. Por outro lado, a teoria da linguagem, enquanto ciência, embora não possa oferecer dados que versem sobre a probabilidade das manifestações de seu objeto, contempla, de um modo diferente, as suas generalizações, que atendem à demanda da organização da teoria, sendo esta arbitrária à realidade, pois não se presta às previsões, mas a dar conta dos signos analisados, donde a verificação de tal teoria só poder ser comprovada nela mesma. Do hibridismo entre empirismo e dedução, nasce a revolução epistemológica de Hjelmslev, como se pode ler no excerto que segue:

A teoria da linguagem [...] define assim soberanamente seu objeto ao estabelecer suas premissas através de um procedimento simultaneamente arbitrário e adequado. A teoria consiste num cálculo cujas premissas são em número tão restrito e são tão gerais quanto possível e que, na medida em que tais premissas são específicas a tal teoria, não parecem ser de natureza axiomática. Esse cálculo permite prever possibilidades, mas de modo algum se pronuncia a respeito da realização destas. Deste ponto de vista, se relacionarmos a teoria da linguagem com a realidade, a resposta à questão que consiste em saber se o objeto determina e afeta a teoria, ou se é o contrário, é dupla: em virtude de seu caráter arbitrário, a teoria é *a-realista*; em virtude de seu caráter adequado, ela é *realista* (atribuindo a este termo seu sentido moderno e não [...] seu sentido medieval) (Hjelmslev, 2006, p. 17).

Em suma, vimos que o conceito de imanência que se opõe ao de transcendência versa sobre a definição do objeto de análise da teoria da linguagem de Hjelmslev, que é o signo linguístico, e não a sua significação, ou seja, que é o manifestado da manifestação, a ser analisado em correlação paradigmática, enquanto sistema, excluindo, dessarte, e de acordo com a leitura de Almeida, toda a sintagmática, enquanto objeto.

Lembremos que, de acordo com Almeida, e conforme citamos, “enquanto modo de exibir uma forma, a teoria da linguagem não pode ser senão um sistema em si mesmo [...]. Ela não pode, pois, justificar-se senão por si mesma”, excerto este que, embora muito próximo a uma passagem dos *Prolegômenos*, parece-nos enviesado na leitura de Almeida. Para ele, a cadeia sintagmática serve somente como fonte donde se extrai o que seria o real objeto da teoria da linguagem: o signo e sua colocação em sistema, não importando o papel que desempenha a linguagem em processo donde foi extraído. Tal leitura radical de Almeida parece não reter o excerto em que Hjelmslev afirma que o isolamento da imanência — opondo-se à transcendência — é uma limitação provisória da teoria, que consiste em um meio de *separar* antes de *comparar*. Ora, a comparação — que é diferente do procedimento de comutação — também terá espaço ao final dos *Prolegômenos*, conforme pretendemos demonstrar.

Mas vimos também que, “em virtude de seu caráter adequado”, a teoria da linguagem é realista, e passamos, no item 1.2, à busca do entendimento desse caráter adequado da teoria da linguagem de Hjelmslev.

1.2. Sobre o conceito de imanência oposto ao de interpretação

Talvez um dos excertos do *Prolegômenos* (Hjelmslev, 2006) que anima alguns linguistas a afirmar que o conceito de imanência de Hjelmslev prega que se deva considerar o manifestado linguístico, não a manifestação, seja o que segue:

Uma teoria que procura a estrutura específica da linguagem com a ajuda de um sistema de premissas exclusivamente formais [...] deve procurar uma constância que não esteja enraizada numa “realidade” extralinguística; uma constância que faça com que toda língua seja linguagem, seja qual for a língua, e que uma determinada língua permaneça idêntica a si mesma através de suas manifestações mais diversas; uma constância que se deixe projetar sobre a “realidade” ambiente seja qual for a natureza desta (física, fisiológica, lógica, ontológica) de modo que esta “realidade” se ordene ao redor do centro de referência que é a linguagem, não mais como um conglomerado, mas sim, como um todo organizado que tem a estrutura linguística como princípio dominante (Hjelmslev, 2006, p. 7).

É por excertos como esse que concordamos com Badir (2005) quando ele infere que devemos tomar cuidado com a retórica de Hjelmslev, pois, tomado separadamente, esse trecho pode, em verdade, dar a ler que a teoria da linguagem exclui, enquanto objeto, a manifestação, privilegiando o manifestado. Não obstante, a epistemologia da teoria da linguagem constituiu-se sobre aquele híbrido que mencionamos, que leva em conta o caráter arbitrário, mas que também considera o caráter adequado da linguagem, de modo que se busca, é verdade, o sistema da língua, mas esse sistema só pode ser verificável no processo. Assim, são as manifestações o único meio possível de se comprovar a validade dos manifestados da linguagem. E, apesar de concordarmos com a possível dificuldade que excertos como o citado possam gerar no entendimento da necessidade da consideração da manifestação, enquanto objeto para a teoria da linguagem, a discordância a essa perspectiva não deixa de nos surpreender, já que a mesma obra do mestre dinamarquês também dá a ler, por exemplo, que:

Uma teoria deve ser geral, no sentido em que ela deve pôr à nossa disposição um instrumental que nos permita reconhecer não apenas um dado objeto ou objetos já submetidos a nossa experiência como também todos os objetos possíveis da mesma natureza suposta. Armamo-nos com a teoria para nos

depararmos não apenas com todas as eventualidades já conhecidas, mas com qualquer eventualidade. A teoria da linguagem se interessa pelo texto, e seu objetivo é indicar um procedimento que permita o reconhecimento de um dado texto por meio de uma descrição não contraditória e exaustiva do mesmo (Hjelmslev, 2006, p. 19).

Nesse excerto se lê, não só que o texto (manifestação) interessa à teoria da linguagem, como se lê que a busca da teoria não é descobrir o sistema da linguagem até esgotá-lo, mas descobrir o sistema da linguagem para ler as manifestações empíricas e prever as manifestações possíveis, uma vez que “[...] deve também mostrar que é possível, do mesmo modo, reconhecer qualquer outro texto da mesma natureza suposta, fornecendo-nos instrumentos utilizáveis para tais textos” (Hjelmslev, 2006, p. 19-20). Assim, a manifestação não serve somente à verificação da validade das manifestadas, mas é um fim em si mesma. De fato, caso a teoria da linguagem se predispucesse apenas a descrever o sistema que se pode resgatar na análise das manifestações já ocorridas, então ela se confundiria com o procedimento da gramática normativa. Sabemos que uma das características da gramática normativa é, dado seu método, excluir todas as manifestações possíveis pelo simples fato de ainda não terem sido realizadas. Ora, tal exclusão implica uma valoração axiológica que a teoria de Hjelmslev repudia.

Mas o fundamental é que parece termos podido demonstrar que, se por um lado Hjelmslev se preocupa com a busca do sistema linguístico, por outro ele busca descrever o texto, logo, o processo linguístico, contrariamente à perspectiva que tenta declarar a manifestada como o único objeto da teoria da linguagem. Cumpre, contudo, demorarmos-nos sobre essa noção de texto.

“Semióticas conotativas e metasemióticas” é, com efeito, o título do vigésimo segundo capítulo de *Prolegômenos* a uma teoria da linguagem (Hjelmslev, 2006, p. 121). Tal capítulo se inicia com a explicação do autor de que em sua obra, até o início desse capítulo, “por uma simplificação voluntária, [ele apresentou] a língua ‘natural’ como o único objeto da teoria da linguagem” (*Idem*). De modo coeso, pois, mas sem o ocultar, Hjelmslev dá a ler que, por razão de simplificar sua exposição, até então teria tratado do sistema da língua, mas que agora passará a tratar do processo, ou seja, da manifestação. É sobre essa apresentação um tanto escamoteada da preocupação de Hjelmslev em relação à manifestação que Badir se refere quando nota que:

Hjelmslev foi, segundo creio, no início dos estudos linguísticos, mas de uma maneira que os transcende, o adversário involuntário [...] de um sistema epistemológico datado: o positivismo lógico. [...] A noção de texto

ilustra de maneira fundamental essa dualidade [as microanálises da glossemática, de um lado, e os grandes preceitos epistemológicos, de outro]. De fato, os *Prolegômenos* explicitam duas acepções nitidamente distintas da noção de *texto*, sem, no entanto, tocar diretamente nesse duplo emprego. E se uma dessas acepções responde a necessidades de aplicação aos estudos linguísticos, a outra tem, verdadeiramente, um destino epistemológico (Badir, 2005, p. 1-2).

Estas duas noções de texto às quais Badir se refere são o texto enquanto uma totalidade absoluta e não analisada e o texto depois da análise. O primeiro seria o lugar de onde se discretizam as manifestadas a analisar na linguística, enquanto sistema, o segundo seria o lugar da manifestação, referindo-se à análise do processo. A leitura que alguns linguistas fazem da noção de texto de Hjelmslev é somente aquela primeira, em que a manifestação (ou o texto) seria uma sorte de pedra bruta donde se extrairiam as verdadeiras pepitas da linguagem, que seriam os manifestados. A pedra bruta, enquanto manifestação, seria uma espécie de antissujeito do linguista. Mas nos parece que a segunda acepção não pode ser negada, já que “a teoria da linguagem se interessa pelo texto, e seu objetivo é indicar um procedimento que permita o reconhecimento de um dado texto por meio de uma descrição não contraditória e exaustiva do mesmo”. conforme já citamos.

De fato, a teoria da linguagem se presta a descrever o sistema e o processo da linguagem, e sua finalidade é, por um lado, conhecer através da experiência quais são as categorias existentes e as possíveis no sistema e no processo da linguagem, e, por outro lado, partindo do conhecimento obtido na experiência, ser capaz de analisar cada manifestação da linguagem em processo. Para além disso, sabemos que Hjelmslev criticou o procedimento não científico de muitos humanistas que o precederam por eles não terem cuidado de estudar a linguagem *per se*: conceito de imanência hjelmsleviano. Já vimos que esse conceito, enquanto regente da análise do sistema da língua, serve a definir como objeto de análise somente o manifestado linguístico. Não obstante, também vimos que Hjelmslev considera como um dos objetivos da teoria da linguagem a análise das manifestações da linguagem em processo. A pergunta que se coloca é: e quanto à linguagem em processo? Ela não seria regida pelo conceito de imanência, já que ela não admite somente os manifestados, mas também a manifestação?

A análise da linguagem enquanto processo prescinde do conceito de imanência tal qual aquele que rege a análise da linguagem enquanto sistema, já que o objeto de análise da linguagem em processo é a manifestação de manifestadas, postas em atualização empírica.

Desse modo, de saída, a análise da linguagem enquanto processo já é imanente (nunca transcende as manifestantes que ela contém, em atualização empírica). Então, há uma outra noção de imanência em Hjelmslev, que serve unicamente à análise da linguagem enquanto processo, e que se pode ler na segunda entrada da definição do *Dicionário de semiótica*:

O conceito de imanência participa, como um dos termos, da dicotomia imanência/manifestação, pressupondo a manifestação logicamente o que é manifestado, isto é, a forma semiótica imanente. A afirmação da imanência das estruturas semióticas levanta, então, um problema de ordem ontológica, relativo a seu modo de existência: da mesma forma como antes nos interrogamos, a propósito da dialética, se ela estava inscrita “nas coisas” ou “nos espíritos”, o conhecimento das estruturas semióticas pode ser considerado como uma descrição, isto é, como uma simples explicitação das formas imanentes, quer como construção, já que o mundo é apenas estruturável, isto é, capaz de ser “enformado” pelo espírito humano. Parece-nos oportuno, para afastar da teoria semiótica qualquer discussão metafísica, contentarmos com a colocação de certos conceitos operatórios denominando universo semântico (o “há sentido”) toda semiótica anteriormente à sua descrição, e objeto semiótico sua explicitação com o auxílio de uma metalinguagem (e de linguagens de representação) construída (Greimas & Courtés, 2008, p. 255).

No excerto acima, entendemos que a imanência na linguagem enquanto processo, dissociando-se do que seja metafísico já que é manifestação dos manifestados que se apreende enquanto sistema da linguagem, e não “nas coisas”, também se dissocia de possíveis interpretações das manifestações da linguagem, já que o analista, ao analisar uma manifestação da linguagem, limita-se a descrevê-la com o auxílio de uma metalinguagem construída. A descrição, portanto, subentende a atenção do analista voltada unicamente ao seu objeto, sem atribuir causalidades aos elementos encontrados no texto, como faz o filólogo; em uma palavra, sem interpretá-lo. A metalinguagem construída, por sua vez, subentende que, analogamente ao procedimento de Hjelmslev, propõe-se que a semiótica terá a sua justificativa no interior de sua própria teoria, não se preocupando com os fundamentos ontológicos, embora, também como Hjelmslev, se preocupe em desenvolver uma:

[...] constância que se deixe projetar sobre a “realidade” ambiente seja qual for a natureza

desta (física, fisiológica, lógica, ontológica) de modo que esta “realidade” se ordene ao redor do centro de referência que é a linguagem, não mais como um conglomerado, mas sim, como um todo organizado que tem a estrutura linguística como princípio dominante (Hjelmslev, 2006, p. 7).

Mas nós também dissemos que esse conceito de imanência que se opõe à interpretação consta, não só na obra de Greimas, como também na de Hjelmslev e cumpre demonstrá-lo.

A manifestação da linguagem em processo é a sintagmatização das manifestadas do sistema em circunstâncias empíricas, e essa manifestação é inesgotável e criativa dado o caráter da não conformidade entre o plano da expressão e o plano do conteúdo. Tal caráter da não conformidade implica o conceito da conotação dos termos, saindo do campo da simples denotação. Ao tratar das semióticas não denotativas, mais especificamente da semiótica conotativa, Hjelmslev a define como “semiótica não científica da qual um (ou vários) planos é (são) uma semiótica(s)” (Hjelmslev, 2006, p. 141), ao passo que uma semiótica é uma:

[...] hierarquia da qual um componente qualquer admite uma análise ulterior em classes definidas por mutação mútua, de tal modo que não importa qual dessas classes admite uma análise em derivados definidos por mutação mútua (Hjelmslev, 2006, p. 139).

Observando essas duas definições dadas pelo mestre dinamarquês, de *semiótica* e de *semiótica conotativa*, notamos que ambas diferem da *metasemiótica* e da *metasemiologia* por serem semióticas-objeto, ao passo que a metasemiótica e a metasemiologia são teorias que as tomam por objeto, mas também notamos que ambas são diferentes entre si, e é nessa diferença que reside o diferente tipo de imanência que elas requerem. Debrucemo-nos um instante sobre cada definição dada, antes de esclarecer qual a natureza da diferença entre a semiótica e a semiótica conotativa, e entre os conceitos de imanência que elas requerem.

Uma semiótica, segundo a definição de Hjelmslev, é uma hierarquia (que é uma classe de classes) da qual um componente qualquer (seja o plano da expressão, seja o plano do conteúdo) admite uma análise ulterior em classes definidas por mutação mútua (admite ser analisada, isto é, dividida em forma e substância. Estas contraem uma mutação mútua, porque contraem uma função que se relaciona com uma outra função contraída pelos outros derivados de uma classe que está no mesmo grau da sua. Isso ocorre porque a mudança, seja da forma, seja da substância do plano

da expressão pode implicar na mudança da relação entre a forma e a substância do plano do conteúdo, e vice-versa), de tal modo que não importa qual dessas classes (forma ou substância, do plano da expressão ou do plano do conteúdo) admite uma análise em derivados definidos por mutação mútua (isto é, pode-se dividir aquelas classes os derivados, e estes podem estabelecer uma mutação mútua com outros derivados. Note-se que, como agora trata-se de derivados, e não mais de classes, a mudança que possa ocorrer entre as partes, por exemplo, da forma da expressão, só implicarão na mudança da sua classe mesmo, ou seja, nesse grau de análise só se dividiria a forma da expressão para cotejá-la a outras formas de expressão, ao passo que no grau superior, a relação entre forma e substância do plano da expressão serve para cotejá-la: relação entre a forma e a substância do plano do conteúdo, e vice-versa).

Em outras palavras, Hjelmslev prevê, em uma semiose, a possibilidade de graus de análise em que se pode entender a forma e a substância enquanto tais, mas também se pode entendê-los, em conjunto, em relação com a forma e o conteúdo de seu complemento — expressão, se for um conteúdo, e vice-versa —, mas que não é possível analisar, por exemplo, a forma da expressão isolada de sua substância para relacioná-la ao plano do conteúdo, porque, caso mude a sua substância, isso pode implicar na mudança de seu conteúdo.

Já a semiótica conotativa é, para Hjelmslev, uma semiótica não científica da qual um (ou vários) plano(s) é (são) uma semiótica(s), conforme citamos. O plano, por sua vez, é um dos componentes de uma semiótica, definição esta que consta somente no *Résumé d'une théorie du langage*², e ela se opõe à metasemiótica, que também tem como um de seus planos uma semiótica, mas que é científica (Hjelmslev, 2006, p. 141). No caso da semiótica conotativa, o plano que ela contém, e que é uma semiótica, é seu plano da expressão, e no caso da metasemiótica, o plano que ela contém, e que é uma semiótica, é seu plano do conteúdo. Esta é científica, porque, sendo o plano da expressão de um conteúdo que contém, ela é uma teoria, a semiótica conotativa, ao contrário, sendo um conteúdo de um plano da expressão que ela contém, é ela uma semiótica-objeto, sendo não científica.

Note-se que nossa leitura difere da definição dada à metasemiótica pelo *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008), posto que ali há uma distinção entre metasemióticas científicas e não científicas. Na esteira de Hjelmslev, não é possível fazer tal distinção, uma vez que as semióticas que são o plano da expressão de uma semiótica prévia são todas semióticas científicas. As semióticas não científicas são somente

² *Résumé d'une théorie du langage*: introduction et composante universelle, Paris, PUF, 1985 [Coll. Formes sémiotiques: nouveaux essais].

aquelas que não têm em si uma semiótica prévia ou aquelas que são o plano do conteúdo de uma semiótica prévia.

Feito tal esclarecimento, nosso objetivo, neste passo, é o de esclarecer a natureza dos dois tipos de conceito imanência que dissemos haver na teoria da linguagem, e fazer notar que um dos tipos é utilizado como ferramenta metodológica na teoria semiótica da Escola de Paris. O primeiro tipo, aquele que se opõe à transcendência, parece já ter sido esclarecido, e buscaremos demonstrar que ele não precisa ser marcado na teoria de Greimas.

Dissemos que a teoria da Escola de Paris é uma metassemiologia, cujo objeto é uma semiótica conotativa. Mas a semiótica conotativa, por sua vez, é o plano do conteúdo de uma semiótica denotativa. Sendo assim, o objeto da metassemiologia advém dos mesmos critérios de análise que a teoria da linguagem guarda para as semióticas em geral, de modo que, de saída, seu objeto é igualmente tratado pelo conceito de imanência, sendo desaconselhável à metassemiologia tratar dos problemas concernentes à semiologia (nos termos de Hjelmslev), dado o princípio de simplicidade: “[...] devemos conceber a metassemiologia de tal modo que, na prática, seu objeto seja exclusivo em relação ao objeto da semiologia” (Hjelmslev, 2006, p. 127). Desse modo, Greimas não trata especificamente do conceito de imanência oposto à transcendência, pois esse procedimento já está subentendido em sua teoria, que se constrói como um nível superior ao nível da análise linguística.

Quanto ao segundo tipo de conceito de imanência, dissemos ser aquele que se opõe à interpretação. Também dissemos que ele é assegurado na teoria da Escola de Paris por meio do uso de uma metalinguagem construída (de uma metassemiologia) e que esse procedimento, analogamente ao procedimento de Hjelmslev, propõe que a semiótica terá a sua justificativa no interior de sua própria teoria.

Na teoria da linguagem, Hjelmslev abre espaço para o tratamento da linguagem em processo — seja qual for a natureza dessa linguagem — propondo o modelo de metassemiologia e o modelo de seu objeto, a saber, o modelo da semiótica conotativa. Ele propõe ainda, embora não venha a desenvolver a metalinguagem específica dessa disciplina, que ela abrange seu objeto, assim como a metassemiótica abrange as semióticas denotativas.

Consideradas como estruturas semióticas de ordem superior, e chamadas com todas as letras de transcendentais à linguagem enquanto objeto, a semiótica conotativa, a metassemiótica e a metassemiologia são integradas à teoria da linguagem de Hjelmslev: “A imanência e a transcendência juntam-se numa unidade superior baseada na imanência” (Hjelmslev, 2006, p. 133). Essa base superior, também chamada de ima-

nência, é a imanência que se opõe à interpretação. Ela é a relação entre a imanência da linguagem (na acepção da linguística) e a linguagem que a transcende. Mas ela não transcende à sua função, e sua imanência está em si mesma, na lógica interna de sua teoria.

2. A não conformidade do termo imanência na teoria

Hjelmslev, além de formular uma teoria que explique ao analista como proceder, ainda aponta os caminhos para o desenvolvimento do que esteja por fazer, de modo que se possa manter seguramente regido pelos mesmos princípios epistemológicos, elemento caro ao princípio hjelmsleviano da não contradição. Não obstante, notamos que pode haver na leitura de sua obra uma distorção, passível de por em risco a amplitude de visão do mestre dinamarquês, como se o não desenvolvimento do método da análise semiótica e de sua aplicação pudessem apagar o capítulo 22 dos *Prolegômenos* (2006), dando a entender que o real objeto da teoria da linguagem se limita às manifestadas e que a manifestação serviria apenas como uma espécie de matéria donde se extrai tal objeto.

Parece-nos que a contribuição dada por Hjelmslev já foi imensa, e não é pouco o cuidado que ele teve em deixar em aberto, explicitamente, os pontos que ainda podiam ser abordados. Surpreendente é que tais pontos em aberto não sejam notados ou, ao menos, que não sejam devidamente discutidos. Para construir uma argumentação plausível, seja da continuidade, seja da quebra da manutenção do conceito de imanência nos seguimentos de análise semiótica, cumpre fazer uma aproximação entre a teoria semiótica e a teoria da linguagem de Hjelmslev, mas sem nos fiarmos aos termos despegados de suas definições.

Este artigo, pois, pretendeu se prestar ao início de uma investigação que vai no sentido de compreender a significação que emana do termo imanência em duas acepções em Hjelmslev, sendo verdade que não tenhamos investigado todas as acepções possíveis. Quanto ao conceito de imanência em Greimas, atentamos sobretudo para aquele que possibilita a análise do texto enquanto um todo, não nos detendo nas outras acepções que há, internas à teoria, acepções estas que se pode conhecer, seja através do *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 2008), seja no arrolamento dado pelo artigo *Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica* (Bevidas, 2008, p. 3), artigo este, inclusive, no qual se discute mais profundamente e com abrangência de maior alcance de acepções o conceito de imanência, e no qual se defende a imanência hjelmsleviana, em geral, como uma possível saída para a epistemologia científica de nossos tempos (Bevidas, 2008, p. 12). Essa perspectiva vai ao encontro do

pensamento do mestre dinamarquês que afirma, nos *textitProlegômenos*, que:

Se este [seu empreendimento] fracassar — não no detalhe de sua execução, mas em seu próprio princípio — as objeções humanistas serão então legítimas, e os objetos humanos daí por diante só poderão ser submetidos a um tratamento subjetivo e estético. Em compensação, se essa experiência for bem sucedida, de modo que seu princípio se mostre aplicável, as objeções cairão por si mesmas, e tentativas análogas deverão ser então efetuadas em outras ciências humanas (Hjelmslev, 2006, p. 9).

E se resume como fruto daquilo que chamamos de uma espécie de hibridismo na epistemologia de Hjelmslev, quando este articula o empirismo e a dedução — em lugar da indução — resultando na abertura a um pensamento científico que, em lugar de reduzir, amplia as perspectivas de análise:

[...] toda “verdade” possível das coisas não está na realidade, como ontologia independente, nem na cabeça do sujeito, como razão (transcendental) ainda que projetada coletivamente na comunidade dos cientistas como consenso de comunicação [...]. Ela só poderia ser vislumbrada, não importa de qual modo, simplesmente em discurso, na imanência das estruturas da linguagem [...] (Bevidas, 2008, p. 12).

Se através do artigo de Almeida pudemos nos deparar com uma perspectiva que lê apenas um conceito de imanência em Hjelmslev, aquele que se opõe à transcendência; se através do Badir pudemos desconfiar da retórica de continuidade de Hjelmslev e pudemos entender as ambiguidades que podem surgir, como no caso do entendimento de *texto*, e, em seu artigo mesmo, podemos ler outros casos; se através do artigo de Bevidas pudemos apontar que o conceito de imanência tem muito mais faces do que aquelas duas que elencamos aqui, e pudemos demonstrar como o conjunto da noção de imanência em Hjelmslev gera uma epistemologia que pode se fazer revolucionária em sua atuação nas ciências humanas, como previu e escreveu Hjelmslev; se pudemos fazer esta articulação, sem ampliar os pensamentos articulados, mas reduzindo-os ao interesse de nossas duas simples definições, foi com o fito único de dar o primeiro passo em direção a uma investigação que nos parece necessária. Suponhamos o risco que o pesquisador corre,

ao se deparar com a retórica radical construída sobre o trabalho de Hjelmslev, no sentido de causar falsos empecilhos para a continuidade daquele pensamento: o semioticista pode temer abordar o texto através dos princípios hjelmslevianos, sem ter tomado o devido conhecimento de sua obra. Mas diante do semioticista que possa crer que está andando ao encontro da teoria da linguagem de Hjelmslev quando segue a teoria semiótica da Escola de Paris, podem surgir outras questões relativas à questão da imanência. Pode-se interrogar até que ponto se considera um texto como manifestação, o que é o mesmo que perguntar até que ponto um objeto empírico pode ser chamado de texto. Cabe ao analista, não somente conhecer o objeto de sua ciência, mas, seguindo o método do próprio Hjelmslev, prever quais são os objetos possíveis. Para isso, cumpre conhecer todas as premissas que configuram um objeto enquanto tal. Desse modo, parece ser parte de nossa tarefa reconstruir o percurso que vai de Hjelmslev a Greimas, valendo-nos de uma só metalinguagem, como se estivéssemos respondendo a um exercício matemático do ensino fundamental, cuja avaliação do mestre exige, para além dos resultados, todo raciocínio e método empregados na construção da resposta dada, nos quais as implicaturas de uma linha se justificam pela linha superior. A reconstrução de tal percurso permite vislumbrar a possibilidade remota de se exigir da construção de nossa ciência alguma sorte de *prova real*. ●

Referências

- Almeida, Ivan
1998. *Le style épistémologique de Louis Hjelmslev*. Urbino: Centro Internazionale di Semiotica e Linguistica.
- Badir, Sémir
2005. A noção de texto em hjelmslev. *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*. Unesp/Araraquara, SP, v. 3, n. 2, p. 1-5.
- Bevidas, Waldir
2008. Reflexões sobre o conceito de imanência em semiótica: por uma epistemologia discursiva. *CASA - Cadernos de Semiótica Aplicada*. Unesp/Araraquara, SP, v. 6, n. 2, p. 1-13.
- Greimas, Algirdas Julien; Courtés, Joseph
2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto.
- Hjelmslev, Louis
2006. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.

Dados para indexação em língua estrangeira

Souza, Paula Martins de

Du concept d'immanence chez Hjelmslev

Estudos Semióticos, vol. 6, n. 2 (2010), p. 104-112

ISSN 1980-4016

Résumé: *Certaines questions apparaissant comme des apories dans le domaine scientifique peuvent à l'occasion résulter de la persistance de telle ou telle croyance. La linguistique a battu en brèche un certain nombre de ces croyances, dont par exemple la norme en grammaire traditionnelle ; à l'instar de la Loi, la norme est dépourvue de fondement logique et relève plutôt, comme celle-là, de l'imposition d'une vérité. Aux yeux de la science, pourtant, il n'y a pas de vérité irréfutable. Les sciences de la signification butant souvent sur le concept d'immanence, il est permis de penser que celui-ci ne constitue un écueil que parce qu'on le conçoit comme quelque chose d'autocentré et d'arrêté une fois pour toutes. Puisque la notion d'immanence occupe une place non négligeable dans nos propres recherches, un examen de sa signification s'impose afin de mieux cerner les tenants et les aboutissants des perplexités qu'elle suscite. Dans la présente étude nous essayons de faire le point sur deux acceptions de l'immanence telle que celle-ci se donne à lire dans les Prolégomènes à une théorie du langage de Louis Hjelmslev ; en outre, il s'agit de vérifier si et dans quelle mesure une telle distinction aurait des retombées pour la théorie sémiotique de l'École de Paris. Loin de prétendre à une quelconque exhaustivité, les résultats qu'on va lire ne sont pour l'instant que le bilan partiel d'une réflexion en cours de développement.*

Mots-clés: *Louis Hjelmslev, immanence, épistémologie, Prolégomènes à une théorie du langage*

Como citar este artigo

Souza, Paula Martins de. Sobre o conceito de imanência em Hjelmslev. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 6, Número 2, São Paulo, novembro de 2010, p. 104-112. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 15/12/2009

Data de sua aprovação: 30/03/2010
